

Juventude e drogas: perspectivas de um trabalho em rede, no cuidado ao jovem, a partir da visão do técnico de saúde de um município do interior do estado de São Paulo.

Letícia A. Bortolai¹, Brena T. Cuel², Ana Paula S. Malfitano³.

1. Estudante de IC de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; *leticiabortolai@hotmail.com
2. Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – PPGTO UFSCar.
- 3- Professora Adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Palavras Chave: *Juventude, drogas, redes de cuidado.*

Introdução

O tema das drogas na atualidade tem assumido discussões centrais no debate público, sendo que o Estado tem implantado medidas de caráter de urgência na tentativa de combater a denominada “problemática das drogas”. Além disso, as visões acerca da juventude e suas particularidades tem crescido, sendo discutidas sob a perspectiva social e política, ocupando o centro de recentes pesquisas.

A chamada “questão” das drogas tem sido compreendida como bastante complexa, envolvendo dimensões eminentemente sociais, para além daquelas de ordem individual.

Contudo, a associação crescente entre juventude e drogas parte de uma dimensão mais calcada nos aspectos individuais do uso e no atravessamento de valores de classe social e estigmas. Assim, na agenda pública, as ações implementadas no cuidado aos jovens têm se direcionado majoritariamente para o tratamento do efeito da droga sobre o indivíduo, destacando o setor da saúde como prioritário para a ação.

Nesse contexto, o presente estudo busca apreender qual a compreensão dos técnicos de serviços de saúde acerca das drogas, dando ênfase às estratégias de intersetorialidade e ação da rede desenvolvidas a partir da atenção aos jovens que fazem uso de drogas e chegam até os serviços de saúde.

Para tanto, escolheu-se um município do interior do estado de São Paulo para aproximação do discurso dos técnicos dos serviços de saúde mental, os quais atendem diretamente ou em forte interface com a população em tela. A coleta dos dados foi realizada em todos os serviços locais, contabilizando cinco instituições que realizam serviços de saúde mental e também junto aos gestores locais. Assim, foram realizadas entrevistas com a coordenadora municipal de saúde mental e com os coordenadores de cada serviço, totalizando 4 entrevistas. Também, foi feita a aplicação de questionário com todos os profissionais de nível superior dos serviços, contabilizando 25 colaboradores. Ambos os instrumentos foram elaborados pelas autoras especificamente para o estudo e os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente.

Resultados e Discussão

A entrevista realizada com o coordenador de saúde mental do município e com os coordenadores dos serviços enfatizaram as diretrizes gerais da rede de atendimento, de acordo com o estabelecido pela política do Ministério da Saúde, conforme esperado. Foi predominante nas falas a ênfase sobre a importância acerca do trabalho em rede, demonstrando, no nível

teórico, a entrada da diretriz das Redes de Atenção à Saúde – RAS na realidade municipal. Ainda, o conceito de “rede” transpassava os serviços de saúde, nomeando outros setores, além de pessoas e instituições que fazem parte da vida de cada sujeito. Esse dado foi consoante à visão dos técnicos expressa nos questionários, quando 92% afirmaram que lançam mão de estratégias de atenção e cuidado em rede para os jovens que fazem uso de drogas.

Porém, ao questionar os técnicos se concordavam com as estratégias locais realizadas para o enfrentamento das drogas, 52% disseram que não concordar ou concordar parcialmente, sem explicar o porquê, demonstrando um distanciamento entre as diretrizes apresentadas pelos gestores e a visão dos técnicos na operacionalização cotidiana dos serviços.

Quando questionado sobre qual setor deve ser responsável pela atenção a “problemática” das drogas, 84% dos profissionais afirmaram ser multisetorial, com ênfase na saúde e na educação, 76% citaram a assistência social, 68% responderam o desenvolvimento econômico, 64% justiça, 60% segurança pública e apenas 16% apontaram outros fatores, como a sociedade e toda a rede de serviço de atendimento presente no município. Torna-se importante destacar que nenhum dos setores foi citado por 100% dos colaboradores, mostrando as divergências de opiniões que há entre os profissionais sobre a questão das drogas. Esse relevante dado demonstra a necessidade de questionamento da atual política de combate às drogas expressando, a partir da realidade dos serviços de saúde, a complexa e multifacetada questão das drogas na sociedade contemporânea.

Conclusões

Conclui-se que é necessário ampliar a discussão acerca das redes de cuidado aos jovens que fazem uso de drogas não se restringindo ao setor saúde, buscando estratégias intersetoriais e interdisciplinares para lidarem com esta complexa demanda. Para tanto, faz-se necessária a criação de espaços e períodos propícios para tal, além de tornar mais clara as ações em curso e formas de sua ampliação. As políticas sociais devem, de forma compartilhada e coletiva, voltar-se para a atenção a quem faz uso de drogas como uma questão social.

Agradecimentos

Ao programa PIBIC/CNPq/UFSCar pelo financiamento desta pesquisa.